

CCB

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

PROTAGONISTAS NA SOMBRA DO BARROCO
DIVINO SOSPIRO



PROTAGONISTAS NA SOMBRA DO BARROCO

DIVINO SOSPIRO

FAGOTE E DIRECÇÃO MUSICAL **ALBERTO GRAZZI**

PRIMEIROS VIOLINOS **MASSIMO SPADANO** - CONCERTINO
ISKRENA YORDANOVA | **ELISA BESTETTI** | **REYES GALLARDO**

SEGUNDOS VIOLINOS **RAUL ORELLANA** - CONCERTINO
MARIA CRISTINA VASI | **NUNO MENDES**

VIOLETAS **MASSIMO MAZZEO** | **TERA SHIMIZU**
VIOLONCELOS **DIANA VINAGRE** | **ANA RAQUEL PINHEIRO**

CONTRABAIXO **MARTA VICENTE**

OBOÉS **PEDRO CASTRO** | **ANDREIA CARVALHO**

FAGOTE **CAROLINO CARREIRA**

TROMPA **PAULO GUERREIRO** | **BRUNO HIRON**

CRAVO **FERNANDO MIGUEL JALOTO**

28 SET'08

19H PEQUENO AUDITÓRIO – SALA EDUARDO PRADO COELHO M/6

CO-PRODUÇÃO CCB/DIVINO SOSPIRO ORQUESTRA EM RESIDÊNCIA

C/ INTERVALO



PROGRAMA

Georg Frideric HANDEL (1685-1759)

Water Music – Suite em Fá maior, HWV 348

Ouverture

Adagio e staccato

Allegro

Andante

...

Aria

Minuetto

Bourrée

Hornpipe

Antonio VIVALDI (1678-1741)

Concerto para Fagote, Cordas e Baixo Continuo em Mi menor, RV 484

Allegro poco

Andante

Allegro

INTERVALO

Michel Richard DELALANDE [de Lalande] (1657-1726)

Symphonies des soupers du Roy

2e Fantasia ou caprice (Que le Roy demandait souvent)

Un peu lent

Vite

Doucement

Gracieusement

Gaiement

Vivement

Johann Sebastian BACH (1685-1750)

Suite Orquestral n.º 1 em Dó maior, BWV 1066

Ouverture

Courante

Gavottes I e II

Forlana

Menuets I e II

Bourrées I e II

Passepieds I e II

GEORGE FRIDERIC HANDEL

[Halle, 23 de Fevereiro de 1685 – Londres, 14 de Fevereiro de 1759]

Water Music – Suite em Fá maior, HWV 348

O título desta obra alude à música que supostamente terá sido ouvida aquando do cortejo aquático do rei George I no Verão de 1717. Estes passeios reais eram prática corrente em Inglaterra mas apenas há registo de um cuja componente musical pode ser associada a Handel. Ainda assim não existe a certeza de que terá sido exactamente esta a música presente na efeméride.

A 17 de Julho de 1717 houve um cortejo aquático real sobre o rio Tamisa cujo percurso consistiu na viagem entre Whitehall e Chelsea e regresso. O passeio era afinal uma manobra de propaganda por parte do rei George I que, com o respectivo séquito, pretendia demonstrar todo o seu prestígio sobretudo numa altura de conflito aberto com o príncipe de Gales, seu filho. Estes passeios eram comuns nesta altura em Inglaterra e, embora este seja o único cuja descrição faz referência a música, a verdade é que o seu modelo terá sido decalcado daqueles que o rei Luís XIV promovia ao longo dos canais e lagos de Versalhes com música de compositores como M. R. Delalande. A descrição musical do evento do rio Tamisa apenas foi encontrada na década de 1920 e diz respeito ao relato contemporâneo de F. Bonnet que dava conta que a barca onde seguiam os músicos ia ao lado da do rei, que estes eram em número de cinquenta e que o monarca gostou tanto que pediu que repetissem o programa três vezes numa viagem que terá durado outras tantas horas. Para além de assinalar a autoria musical de Handel, de fornecer a data e a descrição do efectivo instrumental, não faz qualquer alusão ao repertório do programa. O conjunto de andamentos que perfaz o total das três suites hoje conhecidas como *Water Music* (HWV 348-350) pode não ter nada que ver com aquele cortejo. A associação foi feita posteriormente e diz respeito à complexa história da sua edição e sobretudo ao facto de se terem perdido os autógrafos das peças que Handel terá escrito para a ocasião. Sem estes documentos nunca se saberá ao certo se a música utilizada foi escrita especialmente para ali, se já tinha sido composta e reaproveitada ou até se existe qualquer tipo de ligação. >

A primeira edição em que parte deste material apareceu foi em *A General Collection of Minuets* (1729) onde constam dois *minuettes* para cinco anos depois surgir a publicação de nove andamentos. A primeira edição integral das três suites data de 1743 e consistia num arranjo para cravo, e é aqui que as suites passam a ostentar o título de *Water Musick*. A partitura orquestral só será publicada em 1788 e a ordenação dos andamentos corresponde àquela encontrada na edição para cravo. É no entanto impossível distinguir publicações que correspondam a obras originais de arranjos de outras obras o que ajuda, mais uma vez, a lançar a confusão. Seja como for trata-se de uma das composições instrumentais mais conhecidas da autoria de Handel, tendo atingido, ainda durante a sua vida, uma grande popularidade. >

ANTONIO VIVALDI
(Veneza, 4 de Março de 1678
– Viena, 28 de Julho de 1741)
Concerto para Fagote, Cordas e Baixo
Continuo em Mi menor, RV 484

É sobretudo a partir da década de 1920 que a obra de Vivaldi passa a ser conhecida. Até aí apenas um grupo restrito de musicólogos tinha tido acesso a uma pequena parte da dimensão monumental do legado de um compositor que deve a sua fama actual ao facto de ter sido uma grande influência para alguém como J. S. Bach. A chamada *bachmania*, que consistiu na redescoberta durante o século XIX da obra deste mestre, levou a que os musicólogos se fossem apercebendo da importância de Vivaldi na obra do alemão e na música de todo o barroco tardio. Tendo sido completamente esquecido após a sua morte e só plenamente recuperado já no século XX, é natural que existam ainda muitas lacunas no conhecimento sobre o seu percurso.

Dos trezentos e cinquenta concertos para instrumento solista que Vivaldi escreveu, duzentos e trinta são para violino. O segundo maior grupo daquele género diz respeito precisamente aos concertos para fagote, tendo sido escritos um total de trinta e nove. Destes apenas não completou dois e outros quatro foram encomendas para os fagotistas G. Biancardi e marquês de Morzin, e ainda para duas comissões boémias. Como não existe informação acessória sobre os restantes concertos o mais razoável é pensar que foram escritos para as meninas do Pio Ospedale della Pietà em Veneza. Este internato feminino para crianças órfãs e sem recursos assinala o primeiro e mais importante posto profissional que Vivaldi ocupou a partir de 1703, ano em que foi ordenado sacerdote. O ensino da música era uma das componentes mais importantes da formação oferecida por aquele estabelecimento o que permitia a existência de uma orquestra permanente sempre com necessidade de renovação de repertório. Nos períodos em que ali serviu como *maestro di violino*, entre 1703 e 1709, e depois entre 1711 e 1716, teve oportunidade de se tornar um dos compositores mais prolíferos da história, modelar a forma do concerto barroco, que viria a ser repetida por todos os compositores do barroco tardio e, sendo o fagote um dos instrumentos incluídos no lote dos que eram tocados na Pietà, afirmar-se pioneiro do concerto para fagote. >

> A suite em Fá maior (c. 25 minutos) consta de onze andamentos e é a primeira das três suites Water Music que, por sua vez, formam a maior obra orquestral de Handel escrita naquele período da segunda década do século XVIII. A «*Ouverture*» segue o modelo da abertura francesa que consiste em dois andamentos ligados mas contrastantes: o primeiro, *Largo*, tem toda a sua imponência assente no ritmo pontuado e no tempo lento; o segundo, *Allegro*, baseia-se na técnica da escrita imitativa assim como na inventividade relativa à interacção entre os naipes. Depois do *Adagio*, que parece consistir no andamento lento de um qualquer concerto para oboé, segue-se o *Allegro* com o foco dirigido para os sopros, nomeadamente o par de trompas. *Andante* segue o modelo concertante de uma peça escrita para as madeiras com acompanhamento das cordas. Em *Passepied* as trompas ganham novamente destaque. Trata-se de uma dança comumente encontrada em suites barrocas e que tem origem em Inglaterra no século XVII. O compasso binário composto com métrica ternária é a sua principal característica. *Air* desenvolve-se a partir de um baixo *ostinato* em ritmo pontuado. A repetição constante da linha dos baixos permite alguma variação tímbrica entre os instrumentos de âmbito mais agudo. *Menuet*, a dança aristocrática por excelência, em compasso ternário, abre com uma fanfarrinha pelos metais que fornece o material motivico para a primeira secção. A segunda, contrastante, modula para menor e toda a sua dinâmica decresce desviando a atenção para as cordas até se ouvir novamente a primeira secção. *Bourrée* e *Hornpipe* são muito similares em ritmo e melodia. A primeira é uma dança muito animada em ritmo de divisão quaternária; e a segunda é também uma dança mas de origem inglesa numa métrica binária e cujos episódios solísticos vão alternando com os *ritornellos* orquestrais.

> O *Concerto para Fagote em Mi menor* (c. 11 minutos) terá sido escrito algures entre 1703 e 1716 e segue o esquema formal do concerto barroco com três andamentos rápido-lento-rápido em que é recorrente a alternância entre *ritornellos*, pelo *tutti*, e episódios solísticos. Os andamentos rápidos, *allegro poco* e *Allegro* exibem uma escrita a pensar no virtuosismo com passagens repletas de saltos melódicos grandes, arpejos e escalas. Já em *Andante* dá-se primazia ao lirismo da melodia *cantabile* para surtir o efeito de variedade.

MICHEL-RICHARD DELALANDE [DE LALANDE]
(Paris, 15 de Dezembro de 1657 – Versalhes, 18 de Junho de 1726)

Grande Pièce Royale. Deuxième Fantaisie ou Caprice que le Roy demandait souvent de Symphonies pour les Soupers du Roy

O enorme título desta suite diz bem da rigorosa hierarquia do aparato musical do rei Luís XIV. A obra é uma das dezoito suites compiladas a partir de várias centenas de andamentos que Delalande escreveu ao serviço do Rei Sol, sendo que um dos usos que a corte dava a esta música era precisamente o de acompanhar as ceias do monarca.

Delalande inicia a sua ascensão como compositor favorito da corte francesa após ter sido escolhido pelo próprio rei Luís XIV como *sous maître de la musique de la chambre* para o último trimestre do ano a partir de 1683. Só este pomposo título denuncia uma das facetas do estilo absolutista francês e que era o modo como as estratégias de representação régias usavam a música. Assim, o organigrama da instituição musical da corte assentava num sem-número de cargos e funções relacionados hierárquica e sazonalmente. Delalande deu-se bem com este esquema e em 1685 era já *compositeur de la musique de la chambre* para, quatro anos depois, suceder ao filho de J. B. Lully (1632-1687), Jean-Louis (1667-1688), no posto mais ambicionado da corte e que era o de *surintendant de la musique de la chambre* escrevendo vários géneros de música dentro dos registos sacro e secular. Neste mesmo ano tem a honra de o rei encomendar a dois copistas a colecção completa dos seus *grands motets*, o género musical oficial de Versalhes, o que, de resto, prova bem o seu estatuto, e compõe a primeira suite para as ceias do rei. Como complemento note-se que os seus *concerts de trompettes* foram compostos para acompanhar os desfiles aquáticos reais pelos canais e lagos de Versalhes. Em 1703, o

conde de Toulon ordena a compilação de dez suites, num total de cento e sessenta andamentos, numa colecção intitulada *Les Symphonies de M. de La Lalande* e que participavam do reaproveitamento de música de palco que, por sua vez, tinha já sido utilizada para as ceias. É neste contexto que surge a *Grande Pièce Royale*.

Trata-se de uma das suites mandadas copiar e que consistiam na redução para pequena orquestra ou *petite bande*, a partir das partituras seguidas pela *grande bande* aquando dos espectáculos de bailado tão caros à época. O processo seguido era o de retirar a teia contrapontística das partes intermédias, ou *parties de remplissages*, ficando apenas as linhas do baixo, da melodia e mais duas ou três linhas para assegurar a harmonia. A função deste processo era a de permitir o aproveitamento da mesma música para diferentes acontecimentos não havendo sequer uma indicação precisa em relação à instrumentação. Não obstante, Delalande acaba por ser um inovador na escrita para fagote consignando-lhe vários solos nos diferentes andamentos. As *Symphonies* eram tocadas quinzenalmente para a ceia do rei e a *Grande Pièce* (c. 10 minutos) caracteriza-se por seis andamentos encadeados mas diferenciados por tempo e carácter. >

> Como uma marcha lenta *Un peu lent* faz as vezes da introdução com ritmo pontuado, *Vite* anuncia-se através de uma fuga, *Doucement* aparece numa ambiência lânguida sobre um padrão melódico repetido (*basso ostinato*). Depois de *Gracieusement*, segue-se *Gaiement* com destaque para o fagote, e termina com a peça mais rápida e mais longa de todas *Vivement*.

JOHANN SEBASTIAN BACH (Eisenach, 21 de Março 1685 – Leipzig, 28 de Julho 1750) Suite Orquestral n.º 1 em Dó maior, BWV 1066

Durante muito tempo pensava-se que a maior parte da produção orquestral de Bach provinha dos seus tempos de *Kapellmeister* na corte de Anhalt-Cöthen, entre 1717 e 1721. O príncipe, não estando interessado em música religiosa, preferia composições instrumentais. Por exemplo, os Concertos Brandeburgueses são do último ano de permanência naquela cidade. Hoje em dia pensa-se que afinal a maior parte da música orquestral de Bach terá sido composta em Leipzig, para onde se mudou a seguir a Cöthen.

Quando se desloca para Leipzig, Bach fá-lo para concorrer ao posto de *Kantor* na Igreja de S. Tomás. O lugar, deixado vago pela morte de Johannes Kuhnau (1660-1722), por quem Bach nutria uma grande admiração, obrigava o compositor a apresentar uma cantata nova todos os domingos, assim como outro tipo de composições religiosas, para além do ensino de música e da manutenção dos instrumentos utilizados. Não tendo um vínculo de exclusividade com aquela igreja, ocupar-se-á de tomar parte activa no Collegium Musicum que era uma associação de músicos amadores que reuniam numa base de regularidade a fim de tocar música cujo repertório oscilava entre as peças religiosas e aquelas mais ao gosto da corte privilegiando sobretudo a música instrumental. Terá sido para esta instituição que Bach devotou muita da sua criatividade ao nível de obras instrumentais e, por conseguinte, é razoável pensar-se que o conjunto das quatro suites orquestrais tenha sido escrito para ser ali interpretado. A ligação ao Collegium começou em 1723 e Bach dirigiu-lo-á entre 1729 e 1733, sendo de admitir que a *Suite n.º 1* (c. 25 minutos) tenha sido escrita algures no ano de 1725. Trata-se de uma obra dentro do estilo francês, como o provam os títulos dos andamentos, e esse é também um facto que ajuda a situar cronologicamente a obra.

Ouverture é em estilo de abertura francesa com os tradicionais dois andamentos lento e rápido: o primeiro de ritmo pontuado e o segundo com escrita imitativa. Segue-se uma sequência de danças a começar pela *Courante*, depois duas *gavottes* contrastantes entre si na instrumentação e na dinâmica. A *Forlane* é uma dança de origem italiana introduzida em França no século XVII e caracteriza-se pelo seu ritmo ternário bastante vivo e que antecede o *Menuet* também numa métrica ternária mas com um carácter muito mais galante. O *Bourrée* e o *Passepied* finalizam a Suite. Assim como em *Gavotte* e *Menuet*, estes dois últimos andamentos oferecem um esquema formal tripartido em que duas secções diferentes em carácter se sucedem terminando com a repetição da primeira.

JOÃO PEDRO LOURO



ALBERTO GRAZZI

Nasceu e vive em Mântua. Alberto Grazi estudou fagote em Reggio Emilia e em Milão, onde se diplomou em 1978, sob a direcção do professor Virginio Bianchi. Em 1985 foi convidado a integrar a formação European Baroque Orchestra onde se iniciou na música antiga, tendo desde então colaborado também como solista com as orquestras mais importantes da Europa, tais como a London Baroque, Concentus Musicus Wien, The English Baroque Soloist, Le Concert des Nations. Foi primeiro fagote do Il Giardino Armonico por muitos anos e desde 1990 é primeiro fagote do The English Concert, com quem andou em digressão por todo o mundo, como músico de orquestra e solista. Com o seu irmão Paolo e Alfredo Bernardini fundou, em 1989, o Ensemble Zefiro, grupo que se dedica à execução e à redescoberta do repertório setecentista através de instrumentos de sopro. É regularmente convidado por Trevor Pinnock a colaborar no seu mais recente agrupamento, European Brandenburg Ensemble. Em Mântua, fundou a Associazione Ensemble Zefiro que se dedica à promoção e recuperação da literatura antiga para instrumentos de sopro, prestando particular atenção aos autores italianos do território de Mântua. Ensina fagote barroco na Civica Scuola di Musica em Milão e no Conservatório E. F. Dall'Abaco, em Verona. Lecciona nos cursos de Verão de Urbino, Innsbruck e na Fundação La Caixa em Espanha. Regularmente, dirige *master-classes* em Itália e no estrangeiro. Como solista de The English Concert e o Ensemble Zéfiro gravou concertos para fagote de Vivaldi, Fasch e Mozart para as etiquetas Teldec Classic, Opus 111, Astree Naive, DG Archiv e Ambrosio.



DIVINO SOSPIRO

“...soar como os melhores. Tal como o público, verdadeiramente entusiasmado. Ficámos a suspirar por mais...” In *Público*

Fundada pelo músico italiano Massimo Mazzeo, a Orquestra Barroca Divino Sospiro nasce da vontade e reunião de alguns músicos portugueses e residentes em Portugal que, no decorrer dos anos, desenvolveram um trabalho de grande qualidade artística na área da interpretação da música antiga seguindo os princípios de fidelidade estilística e estética ao período barroco e clássico, propondo um repertório constituído por compositores do universo musical destes períodos artísticos. Numerosas foram as aparições públicas deste grupo musical, entre as quais as “Festas da Música” nas edições de 2003, 2005 e 2006, uma digressão a Itália que recebeu entusiástica atenção por parte de público e da crítica e festivais nacionais e internacionais como o Encontro de Música Antiga de Loulé, o Festival de Música de Leiria, o Festival d’Ile de France, concerto que foi gravado pela Radio France, Teatro Nacional de São Carlos, Folle Journée de Nantes, Folle Journée no Japão, onde se estreou com grande sucesso de crítica e público que lhe dedicaram uma recepção calorosa, Festival de Varna, Fevereiro Lírico em San Lorenzo de L’Escorial e o conceituado Festival d’Ambronay, onde o agrupamento, primeira orquestra portuguesa, teve a honra de actuar no concerto de encerramento.

As actividades do agrupamento incluem a gravação ao vivo do concerto dedicado a W. A. Mozart (Sinfonia K550 e Serenada *Notturna* K239) para a etiqueta japonesa Nichion. Esta gravação recebeu no Japão o galardão de *bestseller* e esteve várias semanas no topo das vendas nas maiores lojas especializadas daquele país.

Divino Sospiro apresentou-se em concertos com algumas das maiores personalidades do panorama artístico a nível mundial, como Rinaldo Alessandrini, Chiara Banchini, Alfredo Bernardini, Enrico Onofri, Christophe Coin, Katia e Marielle Labèque, Christina Pluhar, Alexandrina Pendatchanska, Gemma Bertagnolli, Maria Cristina Kiehr, Vittorio Ghielmi, entre outros.

Entre as suas muitas acções, o Divino Sospiro desenvolve uma atenta actividade de aperfeiçoamento pedagógico e musical que teve como primeiros passos as *master-classes* de violino barroco orientadas pelos eminentes violinistas Chiara Banchini e Enrico Onofri, organizadas respectivamente em colaboração com a Escola de Música do Conservatório Nacional e com o Centro Cultural de Belém, e que continuaram até hoje, no CCB, com a presença importante de Rinaldo Alessandrini, Enrico Onofri, Chiara Banchini e Alfredo Bernardini, Alberto Grazi, Vittorio Ghielmi. No Verão de 2007, a Universidade de Évora entregou ao fundador do agrupamento o mandato para organizar um curso de Verão na área da música antiga; este festival contou com a presença de alguns dos maiores nomes de sempre: Gustav Leonhardt, Maria Cristina Kiehr, Enrico Onofri, Alfredo Bernardini.

Sempre na vertente educativa destaca-se o convite feito ao Divino Sospiro pela Reitoria da Universidade de Évora para a abertura de mestrado em interpretação com instrumentos antigos, em colaboração com o departamento de música da UE.

É actualmente orquestra em residência do Centro Cultural de Belém, sendo este facto de fundamental e recíproca importância para o desenvolvimento em Portugal de uma realidade artística de alta qualidade a nível internacional, e conta regularmente com a direcção de Enrico Onofri que aceitou o convite para Maestro Oficial deste agrupamento.

CCB



© MUNDO FERREIRA DOS SANTOS

HOLLIGER /SCHUMANN /BRAHMS

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA

PEDRO CARNEIRO DIRECÇÃO

A ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA RENOVA A RESIDÊNCIA
NO CCB COM A SUA JUVENILIDADE E CRIATIVIDADE.

Heinz HOLLIGER (n. 1939) — *Ostinato Funebre*
Robert SCHUMANN (1810-1856) — *Sinfonia n.º4*
Johannes BRAHMS (1833-1897) — *Sinfonia n.º1*

5 OUT | 19H | GRANDE AUDITÓRIO | M/6

BILHETEIRA ON-LINE WWW.CCB.PT

DESCONTO CARTÃO AMIGO CCB

CO-PRODUÇÃO CCB/ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA EM RESIDÊNCIA NO CCB

